

# EDUCAÇÃO, CORPO E VIDEODANÇA: O ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM DANÇA COM MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA

## EDUCATION, BODY AND SCREENDANCE: THE STATE OF KNOWLEDGE OF TECHNOLOGY-MEDIATED PROCESSES IN DANCE TEACHING AND LEARNING

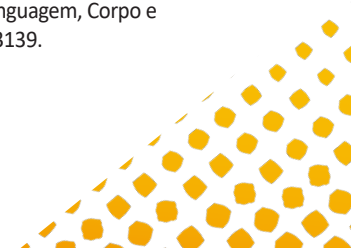
Cristiane Wosniak 1  
Erika Kraychete Alves 2  
Mônica Schreiber 3

**Resumo:** Na era da ubiquidade digital, a comunicação mediada por avançadas tecnologias de informação tem transformado significativamente as relações de ensino e aprendizagem no ambiente escolar no século 21. A partir de uma análise do estado do conhecimento sobre processos de ensino-aprendizagem em dança, o objetivo desta pesquisa qualitativa é descrever e sistematizar os estudos sobre as relações entre o corpo, a educação e o ensino da dança com mediação tecnológica. Os objetos empíricos desta investigação são as teses e dissertações dos programas de pós-graduação de universidades brasileiras, além de artigos científicos brasileiros, coletados no Scientific Electronic Library On-Line (SciELO), no período compreendido entre 2000 e 2019. Foram inventariadas 29 unidades documentais que se enquadraram nos parâmetros da análise de conteúdo desenvolvida por Laurence Bardin (2002). Esperamos que nosso estudo contribua para o mapeamento das investigações atuais sobre o tema, ainda pouco explorado na área da Educação no Brasil.

**Palavras-chave:** Educação. Ensino. Aprendizagem. Dança. Estado do Conhecimento.

**Abstract:** In an age of digital ubiquity, advanced technology-mediated communication has significantly changed our teaching and learning relationships in the XXI century school environment. Drawing on an analysis of the state of knowledge of technology-mediated processes in dance teaching and learning, our qualitative research aims to describe and systematize contemporary academic studies on the relationships between the body, education and dance teaching using technological tools. The empirical objects of our investigation comprise theses and dissertations from local universities' graduate programmes in addition to Brazilian scientific works published in the Scientific Electronic Library Online (SciELO) from 2000 up to 2019. A total of 29 documents were inventoried that fit the parameters of content analysis developed by Laurence Bardin (2002). We expect our study to contribute to the mapping of current research in the subject, which is still little explored in the field of Education in Brazil.

**Keywords:** Education. Teaching. Learning. Dance. State of Knowledge.

- 
- 1 Doutora em Comunicação e Linguagens. Docente permanente nos Programas de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV) da Universidade Estadual do Paraná. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8707636250586166>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7234-2638>. E-mail: [cristiane\\_wosniak@yahoo.com.br](mailto:cristiane_wosniak@yahoo.com.br)
  - 2 Mestre e Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) – linha de Linguagem, Corpo e Estética na Educação (LiCorEs). Bolsista CAPES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2835238173646073>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4060-3730>. E-mail: [erikaalves@ufpr.br](mailto:erikaalves@ufpr.br)
  - 3 Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) – linha de Linguagem, Corpo e Estética na Educação (LiCorEs). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0896864261633136>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3604-3139>. E-mail: [mschreiber96@gmail.com](mailto:mschreiber96@gmail.com)
- 

## Introdução

Os argumentos desenvolvidos ao longo deste artigo defendem a ideia de que, na era da ubiquidade digital, a comunicação mediada por avançadas tecnologias de informação tem transformado significativamente as relações de ensino e aprendizagem no ambiente escolar no século 21. Segundo Pérez Gómez (2015), a tecnologia da informação se converteu na contemporaneidade em um meio de participação efetiva e interativa dos sujeitos da aprendizagem e não mais apenas uma ferramenta de armazenamento de dados. Uma vez que “a informação é produzida, consumida, atualizada e alterada constantemente, novas práticas de leitura, escrita, aprendizagem e pensamento, por exemplo, evoluem com ela” (PÉREZ GÓMEZ, 2015, p. 18). O autor afirma ainda que “os meios de comunicação e, em particular, **a tela multipresente**, constituem o esqueleto da nova sociedade” (PÉREZ GÓMEZ, 2015, p. 19, grifo nosso).

A multipresença das telas videográficas observada em ambientes de ensino e aprendizagem de dança na era da ubiquidade constitui-se, portanto, no foco de interesse da nossa investigação. Assim sendo, o objetivo desta pesquisa qualitativa é descrever e sistematizar os estudos sobre as relações entre as artes do corpo e a mediação tecnológica videodançante no contexto da educação formal.

Por ubiquidade, adotamos aqui o conceito proposto por Santaella como o “atributo ou estado de algo ou alguém que se define pelo poder de estar em mais de um lugar ao mesmo tempo [...] potencializado pela portabilidade conectada, disseminada por toda parte” (2013, p.128). Na era da ubiquidade, os sujeitos da aprendizagem encontram-se permanentemente conectados às multitelas – *smartphones, tablets, laptops* –, com acesso contínuo a conteúdos videográficos, postados em redes e plataformas digitais como *Youtube* ou *Vimeo*, e essa conexão permanente acaba também por gerar não apenas consumo, mas também novas possibilidades de criação individual e coletiva no ensino e aprendizagem das artes do corpo/dança.

A educação na era digital exige uma atenção especial para uma possível pedagogia da ubiquidade amalgamada às noções de Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) que, desde o início dos anos 2000, figuram como tópico relevante das discussões sobre processos de mediação no âmbito educacional contemporâneo. Daí o recorte de nossa amostragem se reportar a este marco temporal inicial (ano 2000).

Como afirma Stumpenhorst (2018), desde o início dos anos 2000, as ferramentas tecnológicas estão ampliando a capacidade de alunos na comunicação e expressão de suas próprias ideias. E, no campo da expressão, as artes se configuram como formas privilegiadas de linguagens que podem lançar uma rede mais ampla de possibilidades de práticas pedagógicas que envolvam e interessem os alunos considerados nativos digitais, ou seja, aqueles que já nasceram sob a égide das novas tecnologias. Para Stumpenhorst, a tecnologia poderia dar aos alunos “opções e escolha sobre como demonstrar e documentar seu aprendizado” (STUMPENHORST, 2018, p. 98).

Diante do exposto, partimos das seguintes questões norteadoras: de que forma e com que meios os estudos sobre as relações entre o corpo, a educação e o ensino da dança com mediação tecnológica têm sido evidenciados na produção acadêmica no Brasil a partir do recorte temporal de 2000 a 2019? A Educação está tirando proveito da multipresença das telas nos processos de criação, ensino, aprendizagem e avaliação de conteúdos de dança no âmbito escolar? A videodança, em nosso país, manifesta-se como uma possibilidade efetiva de prática educativa alternativa da dança na era digital?

A partir destes questionamentos e pautando-nos em uma análise do estado do conhecimento sobre processos de ensino e aprendizagem em dança, tomamos como objetos empíricos da investigação as teses e dissertações dos programas de pós-graduação das universidades brasileiras, consultadas no banco de teses e dissertações da Fundação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)<sup>1</sup>, além de artigos científicos indexados, coletados no *Scientific Electronic Library On-Line* (SciELO)<sup>2</sup>, no período entre 2000 e 2019.

1 Para maiores informações veja o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES/MEC, Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em 28 jan. 2020.

2 Para maiores informações, veja a Scientific Electronic Library Online - SciELO, disponível em: <http://www.scielo.br/?lng=pt>, acesso em 28 jan. 2020.

Nossa análise do estado do conhecimento nessa área se dá na confluência da coleta de documentos, categorização, sistematização, reflexão e interpretação de dados, a partir da produção de pesquisas já elaboradas sobre o tema em pauta. Esta análise possibilita-nos ter uma visão panorâmica das pesquisas relacionadas ao nosso objeto de investigação. Trata-se, portanto, de

um estudo basilar para futuros passos dentro da pesquisa pretendida. Permite-nos entrar em contato com os movimentos atuais acerca do objeto de investigação, oferecendo-nos uma noção abrangente do nível de interesse acadêmico e direcionando, com mais exatidão, para itens a ser explorados – reforço de resultados encontrados ou criação de novos ângulos para o tema de estudo – abrindo assim, inúmeras oportunidades de enriquecimento do estudo. Nesse sentido, a construção do Estado de Conhecimento, fornece um mapeamento das ideias já existentes, dando-nos segurança sobre fontes de estudo, apontando subtemas passíveis de maior exploração ou, até mesmo, fazendo-nos compreender silêncios significativos a respeito do tema de estudo (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p. 158).

Ao nos questionarmos sobre a relevância de construirmos um acervo ou um mapeamento das produções já existentes sobre o tema de pesquisa de nosso interesse, deparamo-nos com leituras específicas que apontam a justificativa e a pertinência deste tipo de inventário no argumento da necessidade de construção de uma espécie de memória no/do campo da Educação. É nesse sentido que Charlot (2006) destaca que se não atentarmos para as pesquisas que se dedicam ao estado do conhecimento em Educação, corremos o risco de reproduzir discursos e dados já exaustivamente debatidos. E de quais riscos tratar-se-iam? Segundo o autor:

Fazemos uma tese que já foi feita há dez anos, no mesmo país ou no exterior, e até mesmo, às vezes, uma tese que foi defendida uma semana antes, em outra universidade, sem que tivéssemos conhecimento disso. Também nos esquecemos dos debates que aconteceram em décadas anteriores, em proveito dos autores ‘da moda’. Nossa disciplina não tem uma memória suficiente, e isso freia o progresso da pesquisa em educação. De minha parte, defendo, há dez anos, a ideia de definir uma *frente* da pesquisa, que seria também uma memória. O que sabemos que foi estabelecido? Sobre o que discutimos hoje em dia, o que questionamos, e quais as posições assumidas no debate? Que pesquisas já foram realizadas sobre os temas que estão na moda (os objetos sociomidiáticos), a partir de quais questões, com que dados, e quais os resultados? Quais foram as dissertações de mestrado e as teses de doutorado defendidas nos últimos anos, e que resultados foram estabelecidos? Que pesquisas estão atualmente em andamento, sobre que temas, onde? (CHARLOT, 2006, p. 17).

Os resultados de uma pesquisa voltada para o estado do conhecimento de uma área auxiliam a compreensão da realidade e informam os dados e os principais aspectos em discussão sobre um determinado tema na comunidade acadêmica, visto que, conforme destaca Morosini, “a consulta, a sistematização e a análise do que foi produzido no seu campo disciplinar, em especial no país do pesquisador, são importantes para fundamentar o que será produzido numa tese ou dissertação qualificada” (2015, p. 102).

Em nosso estudo, foram inventariadas 29 unidades documentais do gênero enquadrado nos parâmetros da análise de conteúdo (AC) desenvolvida por Laurence Bardin, que propõe um conjunto de técnicas de análise documental com o objetivo de “obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens” (BARDIN, 2002, p. 42).

Evidentemente, estamos conscientes de que os resultados obtidos pelas técnicas de AC, focalizando determinados objetos empíricos a partir de um recorte temporal específico, não podem ser tomados como prova irrefutável das conclusões do presente estudo. Entretanto, um mapeamento do estado do conhecimento, com o auxílio da AC, constitui, segundo o autor, “uma ilustração que permite corroborar, pelo menos parcialmente, os pressupostos em causa” (BARDIN, 2002, p. 81), e, desta forma, assim procedemos em nossas conclusões inventariais.

## **A construção do modelo de análise qualitativa e a definição do corpus**

Diante das questões norteadoras, elencadas mais acima, estabelecemos uma em particular para ocupar o *status* de “pergunta de partida” (MOROSINI, 2015, p. 107): *de que forma e com que meios os estudos sobre as relações entre o corpo, a educação e o ensino da dança com mediação tecnológica têm sido evidenciados na produção acadêmica no Brasil a partir do recorte temporal de 2000 a 2019?*

A relevância desta escolha pauta-se nas palavras de Morosini, que atesta ser “preferível ler de modo aprofundado e crítico alguns textos bem escolhidos a ler superficialmente milhares de páginas” (2015, p. 107). Nesse sentido, demos início à fase da leitura flutuante para elaborar o primeiro recenseamento e organização dos documentos. Conforme comenta Bardin (2002), após a leitura flutuante e o primeiro contato com os documentos, é que a leitura começa a se tornar mais precisa e têm-se início os primeiros refinamentos da pesquisa.

O mapeamento documental e a análise diagnóstica (quantitativa e qualitativa) das produções ocorreram em dois níveis, sendo efetuado primeiramente o recenseamento quantitativo e a catalogação de títulos, resumos e palavras-chave de teses e dissertações dos programas de pós-graduação das universidades brasileiras, consultadas no Banco de Teses e Dissertações da Capes. Da mesma forma, procedemos à busca de artigos científicos, coletados na plataforma Scielo, no período compreendido entre 2000 a 2019. Para ambos os tipos de material de consulta, utilizamos como parâmetros de busca os seguintes temas descritores: “corpo e educação”, “dança e educação”, “ensino de dança”, “aprendizagem de dança”, “educação e mediações tecnológicas”, “dança e mediações tecnológicas”, “videodança”. O termo “vídeo-dança” também foi inserido como descritor, por ser esta a grafia anterior ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009.

Em todas as etapas de buscas que efetuamos, optamos por selecionar apenas os trabalhos que traziam, no corpo dos resumos ou palavras-chave, mais de um dos temas descritores em conjunto: “corpo e/ou educação e/ou ensino e/ou dança e/ou videodança”. Por adotarmos esse critério de seleção, acabamos por descartar um número considerável de trabalhos sobre o ensino da dança na educação física, a aprendizagem da dança como melhoria das condições físicas, da saúde dos sujeitos e como forma de socialização. O recorte temporal também balizou a seleção. Admitimos que a área de conhecimento da dança, como epicentro das discussões, nesses casos, ganharia contornos que dificultariam nossas análises e conclusões.

No Banco de Teses e Dissertações da Capes, a busca simples dos descritores apresentou mais de 500 mil resultados. Partimos para um refinamento da amostragem e, nos campos da grande área, restringimos a busca somente às Ciências Humanas (“Educação” e “Letras, Linguística e Artes”), obtendo como resultado 3.209 ocorrências. Quando aplicamos ao campo “área do conhecimento” mais uma restrição, obtivemos os seguintes resultados: Educação, 244 ocorrências, e Dança, 97 ocorrências. A seguir, no campo “área de concentração”, obtivemos o seguinte resultado: Educação, 152 trabalhos, e Dança, 92 trabalhos. Após a leitura dos resumos e palavras-chave destes 244

documentos e a partir da busca exata das expressões descritoras conjugadas, além dos critérios de seleção anteriormente mencionados, definimos como *corpus* – inseridos na categoria teses e dissertações – cinco teses, vinculadas às áreas de Artes e Comunicações, cinco dissertações, vinculadas à área da Educação e nove dissertações vinculadas às áreas de Artes Cênicas e Artes Visuais, em um total de 19 unidades do gênero.

Na primeira busca por artigos científicos publicados em periódicos indexados utilizando os mesmos parâmetros de busca e evidenciando o conjunto de termos “corpo, educação, dança”, foi possível identificar apenas seis artigos. Na segunda tentativa e com a aplicação dos termos conjugados “educação e/ou dança e/ou ensino”, foi possível registrar 27 ocorrências. Após a leitura dos resumos e das palavras-chave desses 27 documentos, resgatamos somente quatro artigos que se aproximavam dos temas descritores da investigação sobre mediação tecnológica no ensino-aprendizagem da dança. Para o descritor “videodança”, ou “video-dança”, não houve nenhum registro. Assim, a amostragem de artigos científicos, após as duas tentativas de busca, constituiu-se de apenas dez documentos.

O levantamento exploratório inicial das pesquisas que abordam o ensino e aprendizagem da dança mediada por interfaces ou tecnologias digitais e, especificamente, fazendo uso da linguagem da videodança, no contexto da educação formal, informal ou não-formal<sup>3</sup>, possibilitou-nos identificar a existência de poucas produções na grande área da Educação, dedicadas de forma mais aderente à análise do tema investigado. As poucas aventuras na pesquisa em videodança, neste sentido provém, na maioria, da grande área de Letras, Linguística e Artes e se dedicam, em sua maioria, aos processos de análise estética ou criação artística.

Ao longo do processo preliminar da investigação, construímos um *corpus* composto por 29 documentos do gênero adequados aos nossos critérios de seleção e os agrupamos em quatro categorias de buscas: 1) dissertações vinculadas a mestrados em Educação; 2) dissertações vinculadas a mestrados interdisciplinares; 3) teses; 4) artigos científicos indexados (SciELO).

As três unidades documentais mais antigas sobre a temática datam de 2001, e as três mais recentes são de 2019. A maioria das teses e dissertações se concentra a partir de 2016. Uma das hipóteses para explicar essa constatação pode ser o fato de que a dança passou a se constituir obrigatoriamente como linguagem do componente curricular escolar básico somente a partir de 2016, quando foi sancionada uma Lei em que se alterou o artigo 26, § 6º da LDB 9.394/96, referente à disciplina de Arte. A Lei 13.278/16 decreta: “As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo” (BRASIL, 2016). É desta forma que a linguagem da Dança adentrou ao currículo escolar por meio da Arte e, possivelmente, tenha despertado um maior interesse de pesquisas acadêmicas.

**Quadro 1.** Dissertações vinculadas a programas de Educação

	<b>Autor/a</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Programa</b>	<b>Instituição</b>
1	MOTTA, Everson Luiz Oliveira	<b><i>Dança e Tecnologias: entre o ensino e a prática docente</i></b>	2017	Mestrado em Educação e Novas Tecnologias	Centro Universitário Internacional (Uninter)
2	SANTOS, Bruna Bardini dos	<b><i>Videodança na Escola: reflexões sobre o corpo e a dança no contexto escolar</i></b>	2015	Mestrado em Educação	Universidade Federal do Paraná (UFPR)
3	TAIACOL, Thais Castilho	<b><i>Vozes da Dança na Escola: o ballet clássico em perspectiva verbo-visual</i></b>	2016	Mestrado em Educação	Universidade Federal do Paraná (UFPR)

3 Lembramos que são três as instâncias definidoras do processo de ensino-aprendizagem em Educação: educação formal [aquela levada a termo em ambientes escolares formais e institucionais]; educação informal [representada pela educação adquirida em ambientes familiares, sociais, recreativos, religiosos em suas variadas formas e intensidades]; educação não-formal [aquela que acontece em ambientes fora do espaço formal, mas com o intuito de reforçar aspectos desta última].

4	COSTA, Susana França da	<b><i>Videodança na Educação: crianças que operam e editam</i></b>	2011	Mestrado em Educação	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
5	JUNIOR, Djalma Ribeiro	<b><i>Criação Audiovisual na Convivência Dialógica em um Grupo de Dança de Rua como Processo de Educação Humanizadora</i></b>	2009	Mestrado em Educação	Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

**Fonte:** Dados organizados pelas autoras

**Quadro 2.** Dissertações vinculadas a programas interdisciplinares

	<b>Autor/a</b>	<b>Título</b>	<b>ano</b>	<b>Programa</b>	<b>Instituição</b>
1	ARAÚJO, Ana Carolina de	<b><i>Videodança na escola: processos de criação entre crianças e uma artista-docente no ensino fundamental I</i></b>	2019	Mestrado em Artes da Cena	Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
2	AIRES, Daniel Silva	<b><i>Criação em videodança: corpos em comunicação</i></b>	2018	Mestrado em Artes Cênicas	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
3	SANTIAGO, Micheline Diniz	<b><i>O corpo híbrido em screendance</i></b>	2017	Mestrado em Artes Cênicas	Universidade de Brasília (UnB)
4	LUDKE, Júlia	<b><i>Corpos que videodancam: um convite ao looping</i></b>	2015	Mestrado em Artes Cênicas	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
5	CONCEIÇÃO, Luiz Thomaz Sarmiento	<b><i>Hipercoreografias: corpo e imagem digital em experimentação na Cia. Moderno de Dança</i></b>	2013	Mestrado em Artes	Universidade Federal do Pará (UFPA)
6	SANTOS, Isa Sara Rego dos	<b><i>Corpos virtualizados, danças potencializadas: atualizações contemporâneas do corpociborgue</i></b>	2013	Mestrado em Dança	Universidade Federal da Bahia (UFBA)
7	SILVA, Vlândia Queiroz e	<b><i>O terceiro corpo na performance ciberdigital: a reconfiguração do corpo em trabalhos de arte telemática</i></b>	2011	Mestrado em Artes Cênicas	Universidade Federal da Bahia (UFBA)
8	ROMERO, José da Silva	<b><i>Videodança: o movimento no corpo plural</i></b>	2008	Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura	Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mackenzie)
9	WOSNIAK, Cristiane	<b><i>Dança, Cine-Dança, Vídeo-Dança, Ciber-Dança: dança, tecnologia e comunicação</i></b>	2006	Mestrado em Comunicação e Linguagens	Universidade Tuiuti do Paraná (UTP)

**Fonte:** Dados organizados pelas autoras.

**Quadro 3.** Teses vinculadas a programas de Artes

	<b>Autor/a</b>	<b>Título</b>	<b>ano</b>	<b>Programa</b>	<b>Instituição</b>
1	GRAÇA, Lillian Seixas	<b><i>A percepção cinestésica na videodança - reverberAÇÕES empáticas entre corpos de carne e da tela</i></b>	2019	Doutorado em Artes Cênicas	Universidade Federal da Bahia (UFBA)
2	VILLELA, Elisa Helena	<b><i>Mobile Vídeos - poéticas de curta duração para dispositivos móveis</i></b>	2017	Doutorado em Artes Cênicas	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
3	VERAS, Karin Maria	<b><i>Dança Espontânea: o legado de Rolf Gelewski para a cena contemporânea e o ensino de dança no Brasil</i></b>	2017	Doutorado em Artes Cênicas	Universidade Federal da Bahia (UFBA)
4	BARBOSA, Larissa Ferreira Régis	<b><i>Dança Transmídia: as táticas de corpo composto</i></b>	2016	Doutorado em Artes Visuais	Universidade de Brasília (UnB)
5	BRUM, Leonel Borges	<b><i>Videodança: uma escrita cênica da dança</i></b>	2012	Doutorado em Artes Visuais	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

**Fonte:** dados organizados pelas autoras.

**Quadro 4.** Artigos indexados na base Scielo e pertinentes ao estudo

	<b>Autoria</b>	<b>Título</b>	<b>ano</b>	<b>Periódico</b>	<b>Instituição dos autores</b>
1	GONÇALVES, Michelle Bocchi; CASTILHO, Thais; GABARDO JUNIOR, Jair	<b><i>Corpos dançantes na escola: diálogos entre a educação performativa e a perspectiva bakhtiniana</i></b>	2019	<i>Bakhtiniana, Revista de Estudos do Discurso – PUC/SP [on-line]</i>	UFPR
2	SOUZA, Nilza Coqueiro Pires de; HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França; CARAMASCHI, Sandro	<b><i>O ensino da dança na escola na ótica dos professores de Educação Física e de Arte</i></b>	2014	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte [on-line] - USP	UNESP (Rio Claro); UNESP (Baurú)
3	MELO, Victor Andrade de	<b><i>Educação do corpo - bailes no Rio de Janeiro do século XIX: o olhar de Paranhos</i></b>	2014	<i>Revista Educação e Pesquisa - USP [on-line]</i>	UFRJ
4	CORREA, Josiane Franken; SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos	<b><i>Dança na educação básica: apropriações de práticas contemporâneas no ensino de dança</i></b>	2014	Revista Brasileira de Estudos da Presença [on-line] - UFRGS	UFPeI; UFRGS
5	SPESSATO, Bárbara Coiro; VALENTINI, Nádia Cristina	<b><i>Estratégias de ensino nas aulas de Dança: demonstração, dicas verbais e imagem mental</i></b>	2013	Revista Educação Física [on-line] – UEM	UFRGS
6	DOMENICI, Eloisa	<b><i>O encontro entre Dança e Educação Somática como uma Interface de questionamento epistemológico sobre as teorias do corpo</i></b>	2010	<i>Revista Pro-Posições – Educação/UNICAMP [on-line]</i>	UFBA

7	NÓBREGA, Terezina Petrúcia da; TIBURCIO, Larissa Kelly de O. M.	<b><i>A experiência do corpo na dança butô: indicadores para pensar a Educação.</i></b>	2004	<i>Revista Educação e Pesquisa - USP [on-line]</i>	UFRN
8	SCARPATO, Marta Thiago	<b><i>Dança educativa: um fato em escolas de São Paulo</i></b>	2001	<i>Caderno CEDES (Centro de Estudos de Educação e Sociedade) - UNICAMP</i>	Faculdade Paulista de Artes (FPA)
9	STRAZZACAPPA, Márcia	<b><i>A Educação e a fábrica de corpos: a dança na escola</i></b>	2001	<i>Caderno CEDES (Centro de Estudos de Educação e Sociedade) - UNICAMP</i>	UNICAMP
10	FREIRE, Ida Mara	<b><i>Dança-educação: o corpo e o movimento no espaço do conhecimento</i></b>	2001	<i>Caderno CEDES (Centro de Estudos de Educação e Sociedade) - UNICAMP</i>	UFSC

**Fonte:** Dados organizados pelas autoras.

Muito embora o maior número de teses e dissertações não tenha sido defendido em programas de Educação e sim em programas de Artes, cabe salientar uma grande representatividade de instituições públicas federais e estaduais – de variadas regiões brasileiras – envolvidas na produção desse conhecimento específico: UFBA (4), UFRGS (3), UFPR (2), UFRJ (2), UnB (2), UNICAMP (1), UFSCar (1), UNIRIO (1) e UFPA (1). Na somatória das instituições públicas e privadas, a região sul se destaca como a maior produtora de teses e dissertações vinculadas ao tema investigado (7), seguida das regiões sudeste (5) e nordeste (4).

**Tabela 1.** Quantidade de teses e dissertações por região brasileira

<b>produção</b>	<b>instituição</b>	<b>região</b>	<b>quantidade</b>
dissertação	UFRGS	sul	03
dissertação	UFPR	sul	02
dissertação	UFBA	nordeste	02
dissertação	UFSCar	sudeste	01
dissertação	UNICAMP	sudeste	01
dissertação	UNINTER	sul	01
dissertação	UnB	centro-oeste	01
dissertação	UFPA	norte	01
dissertação	MACKENZIE	sudeste	01
dissertação	UTP	sul	01
tese	UFBA	nordeste	02
tese	UFRJ	sudeste	02
tese	UnB	centro-oeste	01

**Fonte:** Dados organizados pelas autoras.

Cabe destacar que, dentre as 19 teses e dissertações selecionadas, apenas dez documentos tinham o descritor “videodança” ou “criação audiovisual” como palavra constante no título da produção ou temática prioritária a ser investigada. As demais unidades documentais tratavam centralmente de outros temas como corpo, dança, ensino-aprendizagem de dança, educação ou ensino com mediação tecnológica. Considerando, que esses temas secundários estão vinculados à pergunta de partida, estes estudos também foram anexados ao *corpus* de análise.



## A organização e a AC – o estado do conhecimento em pauta

O segundo nível de recenseamento incluiu a organização e a leitura integral das 29 unidades de registro documental com vistas à obtenção de dados para a complementação da argumentação defendida na esfera do presente estudo. Foi possível categorizar esses estudos diversos em três eixos balizadores:

**Quadro 5.** categorias de análise e critérios de determinação da amostragem

categoria/eixo balizador do estudo	critérios para a categorização
Videodança, ensino e aprendizagem da dança com mediação tecnológica	Estudos que refletem ou propõem metodologias ou ferramentas tecnológicas como mediação para o ensino das artes do corpo ou apresentam a videodança como estratégia de aprendizagem de dança.
Videodança, corpo e comunicação na era da ubiquidade	Estudos que se dedicam sobre o pensar e o fazer videodança, cinedança, ciberdança e outras poéticas audiovisuais na era da ubiquidade.
Linguagem, corpo e estética como eixo de conhecimento na dança-educação	Estudos sobre o corpo ou práticas educativas alternativas para o ensino de dança(s) em espaços educacionais formais, informais e não-formais.

**Fonte:** Dados organizados pelas autoras.

A partir da definição desses três eixos norteadores e da divisão das unidades de registro em cada uma das categorias de análise e discussão, aplicamos ao material a “regra da exaustividade” descrita por Bardin (2002, p. 97), procurando não deixar de fora “qualquer um dos elementos por esta ou por aquela razão (dificuldade de acesso, impressão de não-interesse), que não possa ser justificável no plano do rigor.” Desta forma, todos os trabalhos que atenderam às regras e aos critérios de seleção preestabelecidos foram incluídos na AC.

A amostragem parcialmente adotada na investigação mostrou-se rigorosa também sob o ponto de vista da “regra da representatividade”, pois segundo Bardin, se a amostra for coerente e representativa do universo inicial de onde foi abstraída, então “neste caso, os resultados obtidos para a amostra serão generalizados ao todo” (BARDIN, 2002, p. 97). A autora também determina que se as “regras da homogeneidade e pertinência” forem satisfatoriamente aplicadas aos documentos, então eles serão adequadamente homogêneos, não apresentando demasiada singularidade e não-explicabilidade fora dos critérios selecionados para o estudo e para o recorte do *corpus*, constituindo-se, desta forma, em fonte fidedigna de informação qualitativa sobre o universo do estudo.

A próxima etapa da AC deu-se por meio da codificação dos dados da amostragem, apresentando uma discussão e análise crítica sobre o conteúdo recenseado. Para Bardin (2002):

A codificação corresponde a uma transformação efetuada segundo regras precisas dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices (p. 103).

Na fase final da nossa AC, trabalhamos com índices informacionais cuidadosamente postos em evidência por procedimentos de escolha objetiva, pautando-nos pela ocorrência de palavras-chave em comum encontradas nos resumos, nos títulos das unidades de registro e, finalmente,

pela leitura integral dos trabalhos selecionados. Como afirma Bardin, “se a *descrição* [...] é a primeira etapa necessária e se a *interpretação* [...] é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário, que vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma à outra” (2002, p. 39).

A seguir, apresentamos as inferências relacionadas à AC e aplicadas às três categorias ou eixos norteadores de nosso estudo sobre o estado do conhecimento acerca da questão de partida: *de que forma e com que meios os estudos sobre as relações entre o corpo, a educação e o ensino da dança com mediação tecnológica têm sido evidenciados na produção acadêmica no Brasil a partir do recorte temporal de 2000 a 2019?*

## **Videodança, ensino e aprendizagem da dança com mediação tecnológica**

A videodança é uma forma artística e também comunicacional, proveniente da videoarte, que surgiu em meados dos anos 1960, nos Estados Unidos e que une – de forma simbiótica e experimental – as linguagens da dança, do vídeo e das tecnologias digitais. O contexto histórico sobre o surgimento da videodança ainda é objeto de discussão, como observa Miranda:

Em sua edição de agosto de 1997, Elisa Viccarino, em artigo para a revista alemã *Ballet/Tanz*, focalizando as relações entre dança e tecnologia, cuidadosamente sugere que o nome ‘videodança’ tenha sido cunhado em 1988 em relação a uma performance no Centro Georges Pompidou, na França. Também na Inglaterra, durante os anos 80, a série de dança de Michael Kustows, ‘Channel 4’, começou a apresentar adaptações de trabalhos originalmente feitos para teatro para, logo em seguida, encomendar novos trabalhos especificamente feitos para o meio, identificados como ‘videodança’ (MIRANDA, 2000, p. 118-119).

Na atualidade, aparelhos de telefonia móvel – *smartphones* com câmeras digitais acopladas e diversos aplicativos de tratamento de imagem e som, além de edição – ampliaram as possibilidades do pensar-fazer dessa forma de comunicação artística e ubíqua. Imersa neste contexto, a área da Educação, contaminada pela onipresença da informação como entorno simbólico de nossas redes de socialização, encontra-se, na atualidade, propondo algumas práticas educativas inovadoras em ambientes de ensino formal, não-formal e informal. Uma pedagogia da ubiquidade, alicerçada pelas ferramentas de mediação tecnológica e, dentre elas, experiências em/com videodanças, começam lentamente a se tornar realidade.

Dentre as unidades de registro verificadas na amostragem recortada no presente estudo, apenas cinco (ARAÚJO, 2019; COSTA, 2011; SANTOS, 2015; JUNIOR, 2009 e MOTTA, 2017) se referem à videodança ou a outras mediações e interfaces tecnológicas como ferramentas expressivas e alternativas aplicadas diretamente ao ensino e aprendizagem de conteúdos de dança na esfera educacional.

Dessas ocorrências, destacam-se três dissertações de mestrado que refletem especificamente sobre os conceitos de videodança na contemporaneidade e o aplicam em oficinas práticas para alunas e alunos. Em *Videodança na escola: reflexões sobre o corpo e a dança no contexto escolar* (BARDINI, 2015) aborda-se – em pesquisa participante – uma interessante proposta de ensino da dança em uma escola municipal de Curitiba, Paraná, onde alunos do 9º ano do ensino fundamental puderam criar seus próprios conteúdos de videodança. Em diálogo com as questões teóricas que embasam a pesquisa, o seguinte objetivo é mencionado:

[...] compreender quais particularidades tornaram-se pontos de sustentação para a efetivação de uma prática pedagógica comprometida com o conteúdo específico da videodança,

com o contexto social dos(as) alunos(as) e, ao mesmo tempo, com o fomento à produção de conhecimentos em dança na escola (BARDINI, 2015, p. 7).

Ao explorar as conexões entre os campos artístico, midiático e educacional, a referida produção conseguiu apontar desafios gerados pelo campo da Comunicação à Educação, mais especificamente, quanto ao uso de TICs, explanando sobre a pertinência de se utilizar na atualidade elementos que subsidiem a construção de novas perspectivas metodológicas para o ensino de dança na escola.

Com esta mesma intenção, porém aplicando a oficina de videodança nas aulas de artes do corpo para crianças de 9 a 13 anos de idade e pertencentes a uma ONG na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Costa (2011) investiga como os jovens sujeitos da aprendizagem elaboram a simbiose das matrizes vídeo e dança revelando maneiras atualizadas de produzir arte com mediação tecnológica. Desta iniciativa resultaram 11 videodanças postadas em uma plataforma digital.<sup>4</sup>

Vale destacar a dissertação de Araújo (2019) que, embora não esteja vinculada a um mestrado em Educação, ao tratar da videodança aplicada ao contexto escolar, dialoga intensamente com os objetivos da nossa investigação. Como atesta a autora:

Esta dissertação compõe-se como a síntese das investigações de uma artista-docente sobre o potencial do ensino de dança na construção de saberes sensíveis a partir da realização de processos criativos interdisciplinares, mais especificamente, de videodanças com crianças em uma escola de educação integral do município de Campinas. Lecionando no componente curricular Arte no ensino fundamental I, a pesquisadora constatou **a familiaridade que seus alunos têm com ferramentas digitais, em especial os smartphones** e as redes sociais, fator motivador para a inserção, no processo artístico-pedagógico, de formas artísticas que relacionam a dança e as tecnologias digitais (ARAÚJO, 2019, p. 9, grifo nosso).

Já, o olhar investigativo de Motta (2017) – notadamente vinculado a um programa de Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias – é mais voltado à construção de produtos e/ou ferramentas de mediação tecnológica para auxiliar na formação de docentes no ensino superior, especificamente na esfera das licenciaturas em dança. Sua discussão gira em torno das metodologias e dos recursos que vêm sendo utilizados, ou não, nas disciplinas específicas de grades curriculares universitárias aplicadas na esfera de formação dos futuros professores de dança que deverão atuar profissionalmente em um universo educacional povoado pelos nativos digitais. Neste caso, a videodança não é a protagonista da investigação, mas apenas um dos possíveis elementos de mediação tecnológica aplicados ao ensino e aprendizagem de conteúdos de dança no ambiente educacional universitário. Como resultados factuais, Motta atesta que:

[...] a tecnologia e a dança estão intrinsecamente associadas. Os recursos da Era Digital não podem ser deixados de lado, ou serem entendidos como coadjuvantes no processo de ensino e aprendizagem. A cada inovação tecnológica, eles se tornam mais indispensáveis. Por isso, é proposto, ao final, um *e-book* em que são apresentadas sugestões de ferramentas tecnológicas para o ensino e a prática da dança no contexto escolar, como aplicativo/*softwares* que são, em sua maioria, gratuitos, com versões para *mobile* e *desktop* e disponíveis em português (MOTTA, 2017, p. 10).

4 As videodanças produzidas no âmbito da investigação de Costa (2011) são apresentadas em Sôra, que dança é essa?, disponível em: <http://soraquedancaessa.blogspot.com/>, acesso em 25 jan. 2020.

Junior (2009), por sua vez, se dedica ao processo de criação de uma videodança – uma pesquisa-ação – com jovens participantes de um grupo de dança de rua que residem na periferia da cidade de São Paulo. Em sua dissertação, o autor defende que a ideia de estudo e criação de uma videodança “atende a uma proposta de educação popular construída em comunhão através da pesquisa-ação e do convívio dialógico e, portanto, dialético e intersubjetivo entre os sujeitos envolvidos” (p. 7). Os contributos da pesquisa estão pautados na compreensão dos processos educativos que permeiam uma criação coletiva de material audiovisual em um contexto de educação informal e que possa auxiliar na positividade da imagem da modalidade dança de rua e dos/as dançarinos/as que integram o grupo. O resultado, atestado pelo autor, são as “possibilidades de se trabalhar com processos de criação audiovisual inseridos em práticas sociais, de forma a auxiliar na formação humana” (p. 7).

As cinco unidades de registro de gênero dissertativo discutidas nesse eixo balizador, embora se detenham em perspectivas diversificadas sobre o referente videodança, ainda assim, apresentam no conjunto de seus descritores uma evidente recorrência de palavras-chave em comum: dança (5), videodança (4), vídeo (3), tecnologias (4), corpo (3), ensino (3). Outras ocorrências: educação, formação de professores, processo educacional, processo criativo, parâmetros curriculares (1).

Concluimos esta seção com uma perspectiva de pesquisas e produções de conhecimento que atestam ser possível que o ensino das artes do corpo mediado por tecnologias digitais – videodança – em espaços e contextos educacionais, seja capaz de educar para a era digital e reorientar os modos de se pensar-fazer dança.

Pérez Gómez (2015) salienta que aprender a linguagem das múltiplas telas atualmente chega a ser tão necessário na era da ubiquidade, quanto a alfabetização relacionada com a leitura e a escritura verbais. O autor acredita que “preparar os cidadãos [...] para que se envolvam com esse mundo compreendendo a natureza intrincada, conectada, da vida contemporânea, torna-se um imperativo ético e também uma necessidade técnica” (PÉREZ GÓMEZ, 2015, p. 21).

## Videodança, corpo e comunicação na era da ubiquidade

Das 12 unidades de registro elencados nesta categoria, oito se constituem em dissertações de mestrado – vinculadas a Programas de Artes e Comunicações – e quatro são teses vinculadas a Programas de Artes Cênicas e Artes Visuais. A maioria da produção (AIRES, 2018; SANTIAGO, 2017; LUDKE, 2015; CONCEIÇÃO, 2013; SANTOS, 2013; ROMERO, 2008; GRAÇA, 2019; VILLELA, 2017; BARBOSA, 2016 e BRUM, 2012) apresenta reflexões sobre o corpo contemporâneo e o impacto das tecnologias digitais sobre a ampliação dos processos de criação em dança por meio da videodança.

Os trabalhos de Wosniak (2006), Silva (2011), Santos (2013) e Conceição (2013), vão além e refletem sobre a hibridação do corpo com outras possibilidades para além da videodança, tais como a noção de ciberdança, hipercoreografias, corpo ciborgue, performances corporais ciberdigitais e arte telemática, transpondo fronteiras entre linguagens, como requerem os pressupostos da era da ubiquidade.

Uma possível aproximação conceitual com os pressupostos desta investigação pode ser detectada na tese de Villela (2017), que aborda o estudo e o desenvolvimento de poéticas de videodança de curta duração feitas especificamente para as pequenas telas dos dispositivos móveis, o que Santaella define como equipamentos periféricos na era da ubiquidade (SANTAELLA, 2013). No trabalho de Villela, admite-se uma contribuição para a área da Educação ao se vislumbrar a possibilidade de confluência de diferentes expressões artísticas, ou seja, a videodança aliada à produção de conhecimento nas artes cênicas e nas artes do corpo. Admitimos que essas concepções podem ser consideradas, por analogia, muito próximas à noção de mediação tecnológica como possibilidade de ensino e aprendizagem em dança, quando transferidas da esfera artística para a educativa.

O documento mais recente dessa categoria (GRAÇA, 2019) apresenta a videodança a partir de uma perspectiva que extrapola o campo educacional e se reveste de um olhar intertextual e artístico para esse *medium*, destacando-se as dimensões convergentes da dança e do audiovisual. Graça relaciona o campo específico da videodança “com a percepção da imagem audiovisual do

corpo em movimento para pensar como a relação dança e audiovisual – e, mais especificamente, a videodança – construiu o campo possível de ações e convergências estéticas-perceptivas” (GRAÇA, 2019, p. 24).

Com criteriosas diferenças metodológicas, uso de referenciais teóricos ou objetivos de construção de argumentos e conceitos acerca da linguagem videodança, os estudos inseridos nesta categoria trazem poucas contribuições específicas para a área do ensino e aprendizagem da dança no ensino formal, informal ou não-formal. Entretanto, ao refletirmos sobre o avanço de pesquisas e esclarecimentos sobre esta ação artística é possível antever nas palavras de Romero (2008, p. 16), por exemplo, uma perspectiva de pesquisa que promove o cruzamento de elementos da dança, da videoarte e da performance aprofundando a discussão em torno de “questões pertinentes às inovações e desafios propostos pelos novos meios tecnológicos digitais para o artista contemporâneo.”

Desta forma, os estudos e resultados apresentados nestas 12 unidades de registro, atestam que a videodança é uma manifestação de caráter interdisciplinar, mediada por um aparato tecnológico de captura de imagens e sons, que possibilita novas significações e organizações para o corpo mediado pela tela e que acaba por promover, na era da ubiquidade, novas e instigantes interrogações sobre o corpo, sobre linguagem, sobre arte, estética, criação artística e cultura digital. Na junção dessas expressões é possível antever relevantes subsídios teóricos com conteúdos que poderiam ser convenientes à grande área da Educação.

O conjunto dos descritores enumerados na categoria anterior e mapeados aqui a partir das palavras-chave e dos resumos desta seção apresentam as seguintes recorrências: dança (7); corpo (7); videodança (6); movimento, tecnologias, arte(s), ciberdanças (2); outras ocorrências – estética, dispositivos, corporalidade, imagem, performance, edição, criação (1); educação (0).

A análise dos documentos de registro, portanto, condiz com uma perspectiva mais técnica e conceitual no olhar epistemológico para a videodança, vinculando-a ao campo das artes e não especificamente à esfera educacional.

## **Linguagem, corpo e estética como eixo de conhecimento na dança- educação**

O conjunto de unidades de registro mapeados nesta categoria de análise inclui 12 ocorrências, sendo uma dissertação (TAIACOL, 2015), uma tese (VERAS, 2017) e a totalidade dos 10 artigos selecionados.

Os estudos desenvolvidos nesta seção se debruçam sobre temas inerentes às práticas pedagógicas e sobre estratégias de ensino de dança(s) na escola sob perspectivas variadas (TAIACOL, 2015; NÓBREGA e TIBÚRCIO, 2004; SPESSATO e VALENTINI 2013; SOUZA, HUNGER e CARAMASCHI, 2014; CORREA e SANTOS, 2014). Notadamente, nenhum artigo aborda diretamente a linguagem da videodança em suas temáticas e interesses investigativos.

Na enunciação descritora do ensino das artes do corpo mediante expressões como dança-educação, dança escolar ou dança educativa, destacamos a ocorrência de uma edição especial do *Caderno CEDES* – Centro de Estudos de Educação e Sociedade – da Unicamp (2001) – com o mapeamento de três trabalhos: *Dança educativa: um fato nas escolas de São Paulo* (SCARPATO, 2001), *A Educação e a fábrica de corpos: a dança na escola* (STRAZZACAPPA, 2001) e *Dança-educação: o corpo e o movimento no espaço escolar* (FREIRE, 2001). Ainda que distantes da perspectiva da pedagogia da ubiquidade e dos dispositivos de mediação tecnológica no pensar-fazer dança no século 21, estes três trabalhos seminais se dedicam a explorar a inserção da dança no espaço escolar, tratando-a como área independente de conhecimento, além de defender uma formação adequada – cursos de licenciatura em dança – para os professores que irão atuar profissionalmente com as artes do corpo na educação formal, informal ou não-formal.

Souza, Hunger e Caramashi (2014) também discutem o ensino da dança na escola sob a perspectiva de duas áreas de conhecimento, a Educação Física e a Arte. Como essa abordagem não se constitui em ponto condutor da presente investigação, fomos em busca dos descritores de matrizes audiovisuais na leitura integral desse trabalho e o resultado da busca foi nula. Em

contrapartida, os descritores “ensino”, “aprendizagem”, “corpo”, “dança” e “ensino formal” fizeram-se presentes e, portanto, também se constituíram em elementos de discussão na amostragem selecionada para o estudo.

O trabalho de Melo (2014), por sua vez, aborda a dança e a educação do corpo sob a perspectiva dos bailes no Rio de Janeiro, enquanto Domenici (2010) apresenta a confluência da dança com a educação somática, como uma espécie de interface de questionamento epistemológico acerca das teorias do corpo. A leitura desses trabalhos evidenciou pouca aderência à nossa pergunta de partida.

Merece destaque um instigante trabalho reflexivo e analítico que aborda a dança na escola sob a perspectiva do corpo, da linguagem e da educação performativa. Em *Corpos dançantes na escola: diálogos entre a educação performativa e a perspectiva bakhtiniana*, os autores refletem sobre a voz dos corpos dançantes como potência transformadora do espaço escolar e, desta forma, acabam por expandir as discussões sobre a potência criativa desses corpos, em especial no que se refere ao ensino da dança nas aulas de arte. De acordo com os autores, o estudo parte do entendimento de que “as pesquisas que abordam a performance na educação necessitam de olhares ampliados e expandidos para que possam operar no enfrentamento de temas atuais e emergentes como a escola, a formação de professores, o currículo, entre outros” (GONÇALVES; CASTILHO; GABARDO JUNIOR, 2019, p. 137).

Na leitura de uma das seções desse trabalho, identificamos uma asserção que inegavelmente vai ao encontro dos argumentos defendidos em nossa investigação: a crença nos potenciais de autonomia, autoria e inventividade que poderiam advir nas práticas educativas, quando mediadas por tecnologias de comunicação, tais como a possibilidade de criar videodanças, em que os alunos e alunas expandiriam o campo de atuação e percepção de seus corpos imersos na era da ubiquidade. Para os autores,

Por muito tempo, na esfera escolar, trabalhava-se apenas com a cópia e reprodução dos gestos de um professor, ensaios repetitivos e mecanizados para as apresentações, sem possibilitar ao educando autonomia, construção de saberes, ou seja, práticas que não se relacionam com a autoria. E seria justamente **a capacidade criativa, autoral**, que deveria embasar as aulas de arte (GONÇALVES, CASTILHO, GABARDO JUNIOR, 2019, p. 145, grifo nosso).

O conjunto dos descritores enumerados nas duas categorias anteriores e mapeados aqui a partir das palavras-chave e dos resumos desta seção apresentam as seguintes recorrências: dança (11); educação (8); corpo (5); ensino (4); escola (3); epistemologia (2); outras ocorrências – educação física, artes, parâmetros curriculares nacionais, projeto político pedagógico, aprendizagem, contemporaneidade, arte-educação, professor, ballet clássico (1); videodança (0).

Após a leitura das produções que selecionamos para esta categoria, foi possível depreender que o foco investigativo se desdobra em questões que priorizam a educação e os seus componentes curriculares. A não ocorrência do termo descritor “videodança” nessa categoria atesta a falta de interesse ou o não reconhecimento dessa linguagem como uma possível forma de prática pedagógica no ensino e aprendizagem da dança com o uso de interfaces tecnológicas.

## Considerações Finais

Partindo de uma pergunta específica – *de que forma e com que meios os estudos sobre as relações entre o corpo, a educação e o ensino da dança com mediação tecnológica têm sido evidenciados na produção acadêmica no Brasil a partir do recorte temporal de 2000 a 2019?* –, empreendemos uma pesquisa qualitativa delineando o estado do conhecimento sobre o ensino-aprendizagem em dança com mediação tecnológica, na intenção de inventariar, descrever e interpretar os dados referentes à produção acadêmica e científica desenvolvida e publicada no Brasil sobre esse tema.

Tomamos como objetos empíricos da investigação 29 unidades de registro documental

distribuídas nas seguintes modalidades: cinco dissertações vinculadas a Programas de Pós-graduação em Educação, nove dissertações vinculadas a Programas de Artes e Comunicação, cinco teses vinculadas a Programas de Artes Cênicas e Artes Visuais e 10 artigos científicos. A partir do recorte temporal compreendido entre 2000 e 2019, procedemos à busca desses documentos em duas plataformas digitais: o Banco de Teses e Dissertações da Capes e o catálogo de trabalhos científicos (artigos e ensaios) do sistema Scielo.

As relações entre o corpo e o ensino da dança na educação formal, informal e não-formal são múltiplas e, diante de um recorte temporal de 19 anos, pouco tem se alterado em relação às perspectivas metodológicas que façam uso ou proponham alternativas e desafios para o ensino e aprendizagem dessa linguagem artística.

Quando se enfatiza o protagonismo das mediações tecnológicas na proposição de outros modelos, formatos descentralizados de ensino e conectados com a era digital, o panorama da dança na escola é ainda mais desolador. Apenas três ocorrências, dentre as 28 unidades de registro, trazem uma perspectiva pautada na pedagogia da ubiquidade e, dentre estas três, apenas duas de fato, adotam a mediação da tela videográfica para pensar, falar e fazer (vídeo)dança no ambiente escolar.

Massivamente pesquisada e reconhecida no campo das Artes e das Comunicações como agente transformador de conceitos sobre o corpo, como dispositivo artístico e comunicacional que alarga fronteiras entre as linguagens e como *medium* propositor de questões para além da reprodução de gestos, movimentos técnicos e coreografias, a videodança ainda não parece ter sido reconhecida na área da Educação formal, sobretudo, como potência performativa, criativa, crítica e conectada com o entorno sociocultural dos alunos, permeado constantemente e de maneira irreversível, pela multipresença das telas digitais.

Podemos afirmar que a temática secundária – as relações de ensino e aprendizagem nas artes do corpo – têm sido motivo de interesse investigativo acadêmico desde 2001, de acordo com a amostragem selecionada para o estudo, após intensa varredura e recorte pelo viés de descritores específicos. A ausência de produções mais específicas sobre videodança, entretanto, aponta para contornos preocupantes quanto à atualização temática ou de recursos tecnológicos que estão sendo utilizados, ou não, pelos agentes formadores do corpo, arte-educadores, professores de dança e professores de educação física pautados em ações dançantes com interfaces e conexão digital no ambiente escolar.

Finalmente, observamos que as pesquisas apontam para uma discreta melhoria numérica nas produções investigativas sobre a dança, o ensino, a aprendizagem e a educação do corpo a partir de 2016, ano em que a Lei 13.278/16 determina que a linguagem da dança passe a se constituir, obrigatoriamente, como uma das linguagens artísticas na formação básica do indivíduo.

Na conclusão de nosso percurso pelo estado do conhecimento sobre o tema é possível reconhecer iniciativas e avanços desde 2011, mas ainda de forma escassa. Diante deste cenário, consideramos ser fundamental a continuidade de iniciativas nesse sentido e reconhecemos que pesquisas que se dediquem ao tema das mediações tecnológicas para o ensino da dança na era da ubiquidade têm a garantia de um campo vasto e ainda inesgotado de possibilidades.

Estamos cientes de que o arsenal metodológico proveniente das técnicas de análise de conteúdo desenvolvidas por Bardin (2002), aqui exploradas, não pode ser tomado como prova irrefutável de nossas conclusões. Mas o resultado obtido por inferência, de acordo com Bardin (2002, p. 81), apesar de ser pequeno o recorte da realidade, configura-se em uma possível “ilustração” que permite corroborar, ao menos por ora, os pressupostos de nossa investigação.

É imprescindível que a academia esteja ciente e aberta a novas perspectivas de investigações interdisciplinares, que possam contribuir com a área da Educação e, desta forma, proporcionar outras estratégias para (re)pensar as práticas do corpo no ambiente escolar, conferindo aos alunos a oportunidade de ressignificar a potencialidade de seus corpos e(m) suas extensões tecnológicas, ampliando assim as relações entre a educação, as artes e as comunicações.

## Referências

- AIRES, D. S. **Criação em videodança: corpos em contaminação**. 2018. 109 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Instituto de Artes, UFRGS, Porto Alegre, 2018.
- ARAÚJO, A. C. **Videodança na escola: processos de criação entre crianças e uma artista-docente no ensino fundamental I**. 2019. 160 f. Dissertação (mestrado em Artes da Cena) – Instituto de Artes, UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2019.
- BARBOSA, L. F. R. **Dança transmídia: as táticas do corpo composto**. 2016. 395 f. Tese (doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, UnB, Brasília, 2016.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 2002.
- BARDINI, B. d. S. **Videodança na escola: reflexões sobre o corpo e a dança no contexto escolar**. 2015. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, UFPR, Curitiba, 2015.
- BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de Dezembro de 1996 que Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Senado Federal. 1996. Disponível em: <https://goo.gl/oXee3>. Acesso em: 30 dez. 2019.
- BRASIL. **Lei nº 13.278**, de 2 de Maio de 2016 que Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da Arte. Senado Federal. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/25PCRA>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- BRUM, L. B. **Videodança: uma escrita cênica da dança**. 2012. 181 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Escola de Belas Artes, UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.
- CAPES – Catálogo de Teses e Dissertações. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em: 28 jan. 2020.
- CHARLOT, B. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação** v. 11 n. 31 jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a02v11n31.pdf>. Acesso em 18 jan. 2020.
- CONCEIÇÃO, L. T. S. **Hipercoreografias: corpo e imagem digital em experimentação na companhia moderno de dança**. 2013. 129 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Ciências da Arte, UFPA, Belém, 2013.
- CORREA, J. F.; SANTOS, V. L. B. dos. Dança na Educação Básica: apropriações de práticas contemporâneas no ensino de dança. **Rev. Bras. Estud. Presença** [on-line]. 2014, vol.4, n.3, p. 509-526. ISSN 2237-2660. Recuperado em: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-266041528>
- COSTA, S. F. da. **Videodança na Educação: crianças que operam e editam**. 2011. 84 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2011.
- DOMENICI, E. O encontro entre dança e educação somática como uma interface de questionamento epistemológico sobre as teorias do corpo. **Pro-Posições** [on-line]. 2010, vol.21, n.2, p. 69-85. ISSN 1980 6248. Recuperado em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072010000200006>
- FREIRE, I. M. Dança-educação: o corpo e o movimento no espaço do conhecimento. **Cad. CEDES** [on-line]. 2001, vol.21, n.53, p. 31-55. ISSN 0101-3262. Recuperado em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622001000100003>



GRAÇA, L. S. **A percepção cinestésica na videodança: reverberações empáticas entre corpos de carne e da tela.** 2019. 190 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro, UFBA, Salvador, 2019.

GONÇALVES, M. B.; CASTILHO, T.; GABARDO JUNIOR, J. Corpos dançantes na escola: diálogos entre a educação performativa e a perspectiva bakhtiniana. **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso** [on-line]. 2019, vol.14, n.3, p. 136-155. ISSN: 2176-4573. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457337810>

LUDKE, J. **Corpos que videodançam: um convite ao looping.** 2015. 180 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Instituto de Artes, UFRGS, Porto Alegre, 2015.

MELO, V. A. Educação do corpo - bailes no Rio de Janeiro do século XIX: o olhar de Paranhos. **Educ. Pesqui.** [on-line]. 2014, vol.40, n.3, p. 751-766. Epub 07-Fev-2014. ISSN 1517-9702. Recuperado em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022014005000004>

MIRANDA, R. Dança e tecnologia. In: PEREIRA, R. e SOTER, S. (orgs.). **Lições de dança 2.** Rio de Janeiro: UniverCidade, 2000. (p. 112-142).

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. Estado do conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação por Escrito**, Porto Alegre, v.5, n.2, p.154-164, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/view/18875/12399>. Acesso em 20 jan. 2020.

MOROSINI, M. C. Estado de conhecimento e questões do campo científico. **Educação (UFSM)**, Santa Maria, p. 101-116, jan/abr. 2015. ISSN 1984-6444. Recuperado em: <http://dx.doi.org/10.5902/1984644415822>

MOTTA, E. L. O. **Dança e tecnologias: entre ensino e prática docente.** 2017. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Novas Tecnologias) – Centro Universitário Internacional, UNINTER, Curitiba, 2017.

NOBREGA, T. P.; TIBURCIO, L. C. de O. M. A experiência do corpo na dança butô: indicadores para pensar a educação. **Educ. Pesqui.** [on-line]. 2004, vol. 30, n. 3, p. 461-468. ISSN 1517-9702. Recuperado em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022004000300006>

PÉREZ GÓMEZ, Á. I. **Educação na era digital:** a escola educativa. Trad. Marisa Guedes. Porto Alegre: Penso, 2015.

RIBEIRO JUNIOR, D. **Criação audiovisual na convivência dialógica em um grupo de dança de rua como processo de educação humanizadora.** 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, UFSCar, São Carlos, São Paulo, 2009.

ROMERO, J. S. **Videodança: o movimento no corpo plural.** 2008.106 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) - Departamento de Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua:** repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTIAGO, M. D. **O corpo híbrido em screendance.** 2017. 113 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Instituto de Artes UnB, Brasília, 2017.

SANTOS, I. S. R. **Corpos virtualizados, danças potencializadas: atualizações contemporâneas do corpociborgue**. 2013. 181 f. Dissertação (Mestrado em Dança) – Escola de Dança, UFBA, Salvador, 2013.

SCARPATO, M. T. Dança educativa: um fato em escolas de São Paulo. **Cad. CEDES** [on-line]. 2001, vol.21, n.53, p. 57-68. ISSN 0101-3262. Recuperado em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622001000100004>

SCIELO – Disponível em: <http://www.scielo.br/?lng=pt>. Acesso em: 28 jan. 2020.

SILVA, V. C. E. **O terceiro corpo na performance ciberdigital: a reconfiguração do corpo em trabalhos de arte telemática**. 2011. 196 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Escola de Teatro, UFBA, Salvador, 2011.

SOUSA, N. C. P.; HUNGER, D. A. C. F.; CARAMASCHI, S. O ensino da dança na escola na ótica dos professores de Educação Física e de Arte. **Rev. bras. educ. fis. esporte** [on-line]. 2014, vol.28, n.3, p. 505-520. ISSN 1807-5509. Recuperado em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-55092014000300505>.

SPESSATO, B. C.; VALENTINI, N. C. Estratégias de ensino nas aulas de dança: demonstração, dicas verbais e imagem mental. **Rev. educ. fis. UEM** [on-line]. 2013, vol.24, n.3, p. 475-487. ISSN 1983-3083. Recuperado em: <http://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v24.3.16748>

STRAZZACAPPA, M. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cad. CEDES** [on-line]. 2001, vol.21, n.53, p. 69-83. ISSN 0101-3262. Recuperado em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622001000100005>

STUMPENHORST, J. **A nova revolução do professor: práticas pedagógicas para uma nova geração de alunos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

TAIACOL, T. C. **Vozes da dança na escola: o ballet clássico em perspectiva verbo-visual**. 2016. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, UFPR, Curitiba, 2016.

VERAS, K. M. **Dança espontânea: o legado de Rolf Gelewski para a cena contemporânea e o ensino de dança no Brasil**. 2017. 247 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro/Escola de Dança, UFBA, Salvador, 2017.

VILLELA, E. H. **Mobile Vídeos - poéticas de curta duração para dispositivos móveis**. 2017. 129 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Doutorado Interinstitucional, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2017.

WOSNIAK, C. R. **Dança, cine-dança, vídeo-dança, ciber-dança: dança, tecnologia e comunicação**. 2006. 142 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) – Departamento de Comunicação, UT.

Recebido em 3 de fevereiro de 2021.  
Aceito em 12 de abril de 2022.